

DIALOGISMO, IDEOLOGIA E DISCURSIVISMO: BAKHTIN E A LITERATURA

João Carlos de Carvalho¹

RESUMO: O presente artigo se constitui como uma tentativa de retomar algumas propostas do teórico russo Mikhail Bakhtin e suas contribuições para o estudo da literatura. O artigo vê como reducionista a utilização de termos como dialogismo e polifonia fora do seu âmbito original de compreensão, mesmo para os estudos literários. Sendo assim, como grande pensador, Bakhtin também acaba atraindo estudiosos de outras áreas, o que pode permitir um afastamento das principais questões levantadas por ele em suas obras decisivas.

Palavras-chave: Bakhtin/ Dialogismo/ Estudos literários

ABSTRACT: The present article is constituted as an attempt to retake some of the proposals of the Russian theoretical Mikhail Bakhtin and his contributions to the literature study. The article sees as reductionist the use of terms such as dialogism and polyphony outside of its sphere of comprehension, even to the literary studies. In this way, as a great thinker, Bakhtin also attracts researchers of other areas, that could allow a removal from the main questions raised by him in his decisive works.

Keywords: Bakhtin/ Dialogism/ Literary studies

A partir das grandes discussões teóricas que se espraiaram ao longo dos últimos decênios em torno das questões de gênero literário, abriu-se, cada vez mais, um campo bastante profícuo para novas abordagens por meio de propostas teóricas bem mais abrangentes. Nas três últimas décadas, no Brasil, como sabemos, proliferaram-se principalmente trabalhos em torno das teorias bakhtinianas, o que deu um estofado extraordinário nessa seara discursiva aos estudiosos da área. Mas esse fato, evidentemente, não significou a compreensão da gênese de suas complexas problematizações. Por outro lado, Bakhtin, também, foi muitas vezes aplicado além dos próprios estudos literários, o que deu vezo a um certo exagero no uso de suas propostas tornando sua contribuição muitas vezes letárgica e dicotômica.

¹O autor é professor associado da Universidade Federal do Acre, Campus Floresta, em Cruzeiro do Sul, há 19 anos, atuando nas áreas de teoria e cultura literárias. Tem um livro de poemas e um de contos publicados, além de diversos artigos acadêmicos. Sua tese, *Amazônia revisitada: de Carvajal a Márcio Souza* também foi publicada e é usada como uma das referências para os estudos literários na região. Trabalha no mestrado em Rio Branco, Linguagem e Identidade, já tendo orientado diversas dissertações.

Interessa-me, particularmente, a maneira como alguns conceitos se transformavam em ferramentas capazes de traduzir uma certa compreensão da dinâmica do fenômeno literário a partir do campo social proposto por Bakhtin. Ver esses termos utilizados apenas como mobilizadores ideológicos do sujeito, talvez se preparando para a transformação revolucionária por meio da luta de classes, deu-me a sensação de que o seu uso partia de uma ignorância crassa de sua obra, ou da própria gênese em que se deram as suas elaborações teóricas. Trabalhos, por exemplo, que aplicam Bakhtin tanto na área da Linguística como da Educação, ou mesmo aqueles aplicados aos estudos da narrativa, sem o devido manancial literário que o inspirou, transformam suas propostas em panaceias para aliviar divergências, no fundo, insolúveis. Por exemplo, a própria expressão polifonia não pode ser relacionada a qualquer tipo de texto moderno. A coisa piora quando se leva para um campo onde se reduz tudo a uma mera representação de algum tipo de superação ideológica onde o pensador russo é erigido como uma espécie de profeta e utilizado de maneira muitas vezes banal e corriqueira, limitando mesmo o campo de inspiração ao qual cabe entender a sua original contribuição. Isso implica muitas vezes explorar os recursos do seu instrumental como uma ferramenta que deve se encaixar em qualquer fenômeno da linguagem ou do processo educacional como um abridor de “consciências dialógicas”.

Minha proposta de discussão, portanto, perpassa por uma problemática que contemple de perto alguns conceitos já largamente discutidos, mas que proporcionem um esclarecimento da força original da obra bakhtiniana. Segundo Diana Barros, o dialogismo é um conceito que abrange o princípio constitutivo da linguagem como um todo (p. 2). Se nos imiscuirmos mais profundamente nesse processo, veremos que, para Bakhtin, as discussões sobre esse fenômeno começam exatamente no momento em que as obras de Rabelais e Dostoievski estão contempladas sob um foco dinâmico da sua própria estrutura artística. O dialogismo é um conceito que abrange, sim, a linguagem como um todo, mas só poderá ser percebido na sua força de estruturação no momento em que ele é a base para a estratificação dos gêneros e das grandes vozes literárias que se formarão a partir daí. Isso significa que, além do conhecimento dos procedimentos teóricos em torno da linguagem, para Bakhtin, a discussão se dava a partir da sua explícita preocupação em reinterpretar a força estética por trás da própria elevação da consciência de linguagem humana através da própria evolução da literatura. Nesse caso, a relação da literatura com a realidade social

implica um dado fundamental, pois o dialogismo ali é a maneira como forças antagônicas ajudaram a dar o alicerce do que se entende sobre o próprio humano. Sem a literatura, ou melhor, a grande literatura estudada por Bakhtin, o conceito de dialogismo se esfumaça, pois não há humano sem uma expressão literária condizente a isso. A própria origem filosófica do Ocidente, desde Platão, não existira se não fosse o fato de se começar uma discussão do homem na sua relação íntima com os fenômenos poéticos, ou mesmo para emular o próprio poético. Nesse sentido, a arte elevada não é um patrimônio de uma “elite pensante”, mas pertence a todos os homens, de todos os lugares e origens, patrimônio este que deve ser estimulado e divulgado à medida que melhore a nossa qualidade de estudos em todos os níveis, não se limitando apenas aos estudantes de Letras. Sendo assim, a articulação de suas propostas teóricas implica uma interação entre forças extraordinárias, provocando uma discussão sempre renovável, onde termos como dialogismo ou polifonia encontram seu estofo de utilização na própria dinâmica de interrelação de forças que formaram a própria sociedade. Rabelais e Dostoievski não criariam as suas grandes obras se estivessem contaminados por essa força de transformação da própria linguagem.

Ao estudar a evolução da narrativa no Ocidente, Bakhtin teve em mãos elementos fundamentais que lhe deram condições de compreender, como nenhum outro teórico, o surgimento da mais complexa rede discursiva de todas, o romance. Isso implicou, sobretudo, o conhecimento básico do processo plurilinguístico que permeou essa evolução, mas confirmou também que as grandes vozes precisam de várias vozes. Nesse sentido, é a literatura tomando forma a partir de toda a massa verbal possível, orientando-se esteticamente para um gênero superior que abarcará todas as tendências das linguagens através dos séculos. O romance é a prova maior de superação da literatura a partir de uma força evolutiva singular da linguagem, pois, dialógico por excelência na organização da sua massa verbal, constitui-se por meio de múltiplos estratos, reverberando um processo infinito, ou seja, o próprio fenômeno humano, redimensionando a capacidade de orientação dos idiomas, provocando o homem a atingir maior capacidade de expressão no afã de traduzir o seu inumerável universo. O romance, para Bakhtin, é a literatura por inteiro e o patamar onde todas as linguagens são testadas. Dessa forma, estamos obrigados a entrar em contato com toda a grande produção intelectual do Ocidente ao tentarmos manipular com o rico instrumental teórico do pensador russo. Não há espaço para remediações, adiamentos;

é preciso convocar a si o desafio de compreender e despertar a força desse gênero em nós, e não encará-lo como mero entretenimento da classe burguesa ou uma alegoria de um passado imóvel.

Para dar conta desse desafio secular, Bakhtin, além de Rabelais e Dostoievski, toma mão de uma série de importantes nomes da literatura desde a Antiguidade, enfocando aspectos importantes que acabaram por rearticular diferentes maneiras de confrontação entre todas as formas possíveis de linguagem e não apenas a linguagem oficial versus as línguas marginais. Todos os estratos entram aí para sacudir um processo ininterrupto, sedento de renovação, para frente ou para trás, dependendo da ótica ou da capacidade de digladição na arena humana. Ao observar essa dinâmica, Bakhtin tomava mão de uma história muito particular da convivência do humano com a sua produção literária, como se tudo convergisse para um encontro inevitável entre forças opostas, onde o novo, descentrado, se articulava a partir de sua premência de afirmação no grande universo das linguagens. Não há domesticação possível dessa força ininterrupta, pelo contrário, é ali que é de fato testada toda a potencialidade das línguas. Bakhtin sabia disso e não se furtou a mostrar porque os clássicos são os clássicos e porque precisam ser conhecidos. Os clássicos promovem a eterna discussão do humano. Aqui, linguagem e humano são um mesmo. Uma língua só pode mostrar toda a sua capacidade de renovação se for testada na arena privilegiada do campo literário. É disso que ele nos fala. Não se está privilegiando a forma escrita em detrimento da oral, mas mostrando que as duas coisas se intercalam constantemente e o grande escritor é o ser capaz de processar tudo isso numa dimensão maior.

A atração de sua teoria e os problemas que ela acarreta aos neófitos entusiasmados por qualquer dicotimização, vem da possibilidade de aproximação de vários fenômenos: no campo literário, basta ligar, por exemplo, o conceito de carnavalização a algum tipo de literatura pícaro ou coisa que o valha e aí teremos heróis desconcertantes que se voltam contra o sistema capitalista nascente. O conceito de polifonia então acaba sendo aplicado e requerido a todos os autores que de alguma maneira mostram qualquer compromisso social mais direto com suas obras e que vá ao encontro da expectativa do crítico. No campo da educação, examinar uma sala de aula dita progressista significa dar vazão ao encontro de vozes onde todos aprendem num mesmo patamar de igualdade, aumentando a participação

democrática. No campo da análise do discurso, estabelecer critérios de desarticulação ideológica do texto, pois tudo se torna então meramente ideológico. A partir desses parâmetros reducionistas, a complexa teoria bakhtiniana se torna presa fácil, ajudando jovens mestrandos, por exemplo, a aplacar aparentemente a sua angústia aplicativa. Por trás disso, orientadores apressados, prontos a cumprir os prazos dos órgãos governamentais e de sua instituição apenas ratificam a inércia de nossa inteligência, fazendo parecer que tudo vai muito bem porque algumas coisas se encaixaram dentro de uma proposta metodológica. Nesse caso, a metodologia é uma falácia, muitas vezes usada no campo de pesquisa da linguagem para tapar os buracos de uma formação sem base de nossos estudantes de mestrado, muitas vezes atingindo até de doutorado.

Sem dúvida, todos os trabalhos ou pesquisas que utilizam o instrumental bakhtiniano são sempre válidos, mas até certa medida, e aqui não é o lugar para discutir a abrangência disso, apesar de que podemos de alguma maneira ir apontando alguns caminhos, mas nenhum deles é fácil. O espaço requerido aqui é justamente para colocar em teste a capacidade de compreensão crítica da gênese das propostas bakhtinianas que tiveram um papel fundamental na compreensão do humano e sua produção de linguagem ao longo dos séculos e como a literatura participou disso. O estudo de sua obra implica significativamente entrar em contato com uma tradição e a valorização dessa tradição. Bakhtin não escreveu sua obra para derrubar nenhum sistema econômico. Ele percebeu, por exemplo, na obra de Rabelais, uma força atávica medieval extraordinária, onde o processo carnalizante se embrenhava de uma tal maneira que o campo dialógico se proporia como base para o encontro de todas as forças da época: a voz popular estava no próprio domínio de valores aristocráticos e vice-versa. Em Dostoievski, suas tramas fabulescas envolvem um mundo de valores em decomposição, mas esse mesmo universo emerge com uma estratégica de autoridade de representação sem igual. Daí o conceito de polifonia, que tenta abarcar uma sociedade riquíssima de alterações de humor e filigranas, todas orquestradas por uma voz poderosa que de maneira alguma enuncia o futuro revolucionário liderado pelos bolchevistas na Rússia do século XX. A aplicação desse conceito deveria levar sempre em conta os elementos em jogo do próprio fenômeno literário. Qualquer questão que leve a pensar essa teoria como uma base para o homem futuro é balela. Bakhtin estava imerso na problemática do humano quando resolveu discutir a amplitude das questões

discursivas e dialógicas. A arena é um universo que realiza e revela uma força latente que começa a latejar há séculos e séculos e vai revelando diferentes facetas do humano numa linha ininterrupta. A literatura não é mero documento, todos sabemos, mas funciona como um testemunho grave de nossas idiossincrasias históricas, fundamentando as bases para que a linguagem evolua, para que a compreensão do homem pelo homem se amplie. É esse resgate que se tornou o mais importante em sua teoria, ou seja, o de percebermos essa força latente que está em nós e que só mergulhando nessa linguagem, e trazendo as contradições de sua formação eclética, poderemos de alguma maneira estabelecer os vínculos com as nossas origens e compreender fundamentalmente que a consciência do outro nos limita e paradoxalmente nos obriga a buscar a nossa liberdade de expressão. A literatura nada mais é do que essa batalha ininterrupta por um lugar que nos revele imparcialmente. Estamos submersos nela e prontos a comprar o próximo combate.

Bakhtin mergulha no reino da prosa exatamente para poder dialogar com todas as possíveis formas da linguagem literária, procurando ir muito além do domínio da poética tradicional, ampliando o próprio conceito do poético. A prosa é o espaço do experimental por excelência, onde não se precisa ser um artífice para se consagrar nela, como, por exemplo, um poeta épico da renascença. Ali todas as linguagens são testadas e não se frustrarão se não vingarem. Estão ali para confluir todas as ganâncias humanas, as sobras, as provocações e as ilusões para que os muitos *eus* históricos possam confrontar as suas verdades. Essa compreensão da sociedade dá à teoria bakhtiniana uma profundidade impressionante na maneira como o conteúdo se aprimora em busca de um estilo. A interação entre sociedade e texto é absoluta aqui. Uma coisa depende da outra para se relacionar com a produção de realidade no tempo e no espaço. Noções como carnavalização dependem de uma dinâmica particular naquilo que representa enquanto linguagem. O que desarticula está pronto para uma nova articulação. Um gênero deixa de ser viável, como a epopeia, mas é substituído por outras formas ainda mais dinâmicas de narrativa. Isso é a carnavalização. A epopeia é o testemunho dessa passagem através do romance e outras formas híbridas. Nada disso seria possível sem que a sociedade não contraditasse seus valores numa escala ainda mais veloz. Aumentam-se os níveis de violência interior e exterior e isso produziu a matéria-prima essencial para a movência das fronteiras discursivas que temos hoje dentro da literatura como uma coisa natural. Sem o

desenvolvimento capitalista na proporção em que se deu, na produção da linguagem e os desafios que decorreram daí não seria obviamente possível elevarmos a nossa capacidade plurilinguística. A linguagem é sempre produto de uma injusta adequação ao mundo, e Bakhtin tocava exatamente nesse ponto. Ele entende o capitalismo como uma dinâmica. Um processo que dará sempre possibilidade de novas articulações e anseios de superação. A própria ideia de socialismo está implícita na maneira como o capitalismo produz a própria força de significação, das possibilidades utópicas ou discursivas que imprimem toda uma visão de mundo que se une a forças históricas.

Quando numa certa altura se diz que tudo é ideológico, parece que estamos lidando com a linguagem num estado primário, como se o signo estivesse ali para o utilizarmos num sentido circunscrito e limitante. O conceito de dialogismo desenvolvido por Bakhtin, ao contrário, principalmente porque foi discutido a partir da palavra viva da literatura, principalmente no seu processo de articulação da gênese do romance, permite-nos ver claramente a base pela qual se assenta a linguagem como um todo. A ideologia nesse caso implica menos um comprometimento com a reação do que para se tornar uma massa moldável à consciência multivariável do outro. Nesse sentido, o aspecto a se ressaltar aqui é a participação orquestradora de uma voz central, de uma consciência que vira e desvira qualquer imposição ideológica, porque está sangrando na arena social que a provoca. A ideologia mais que um sistema de ideias a beneficiar uma classe X, na verdade ajuda a estruturar o próprio funcionamento da sociedade nos seus múltiplos interesses. Ideologia é sim uma questão de discurso como nos lembra o teórico marxista Terry Eagleton em uma conhecida obra. Há uma ordem que toda sociedade necessita e nenhuma classe obviamente está capacitada a aboli-la de uma hora para outra sem pagar um alto preço, pois seria o mesmo que decretar o fim do humano, coisa que já foi mostrada celebrenemente por George Orwell em seu mais famoso romance.

O romance é para Bakhtin o gênero do homem por se fazer, ou seja, daquele que se relaciona conflituosamente com os valores de um mundo em concorrência eterna. Pensar o romance fora do âmbito burguês, por exemplo, é não pensá-lo, é imaginar uma outra realidade sem a dinâmica em que o gênero foi articulado, por isso o romance está principalmente ligado ao desenvolvimento do capitalismo moderno, a forças que não podem ser apagadas ou esquecidas em nome de um valor maior. A ideologia é a dimensão

que fundamenta o homem em qualquer lugar ou em qualquer tempo, no entanto, a sua definição depende de um conjunto de potências em jogo. Se sou controlado por uma ideologia tola e puramente, e preciso de uma consciência revolucionária para me livrar disso, eu teria de ser demasiadamente ingênuo para achar que eu estou livre dela simplesmente porque a troquei de lugar com uma outra ideologia. Mesmo a dinâmica capitalista se traduz em múltiplas perspectivas, seja para se aprimorar, seja para se superar. Sendo assim, a ideologia mesmo envolvendo questões de dominação fará parte da minha própria dinâmica discursiva, do meu modo de ser por meio da maneira como eu escolhi viver. Mesmo sob qualquer dominação que eu esteja, sobram-me espaços para a escolha e, no sentido bakhtiniano, sobram-me ainda mais espaços para me interrelacionar com a consciência do outro. O romance, nesse sentido, seria o testemunho vivo dessa relação itinerante do homem moderno com as forças que o multiplicam por meio das possibilidades que se abrem para ele como nunca na sociedade moderna. O processo dialógico explode exatamente aí, trazendo séculos de herança e carnavalização, provocando novas ansiedades e captações da voz do outro. Os séculos XIX e XX serão séculos envoltos em uma multidão de vozes que desafiarão os novos romancistas. Séculos em que o romance amadurecerá e perderá qualquer possibilidade de unidade estilística, assim como o homem perderá as suas certezas absolutas. Um movimento totalitário como o que houve na Rússia a partir da revolução bolchevique apenas incrementou uma ânsia de superação sem igual por parte dos que se consideravam excluídos. Foi capaz, inclusive, de suscitar, à direita, o próprio movimento nazista que combatia com igual sanha tanto os judeus como os comunistas. Como irmãos de lados contrários, ambos os movimentos imaginaram controlar ideologicamente suas populações e com isso produzir um depuramento especioso entre os possíveis “pares”. Bakhtin, que viveu um dos lados dessa história, foi obrigado a buscar um equilíbrio constante em sua obra, a ponto de muitas vezes de não podermos virar o rosto para esse contexto no momento em que formos discutir a implicação de muitos dos seus conceitos.

Como nos mostra Cristóvão Tezza, Bakhtin em nenhuma das suas principais obras (*Problemas da poética de Dostoiévski*, *A obra de François Rabelais* e *Teoria do romance*) arquitetou uma teoria que pudesse apaziguar as relações entre literatura e modelos linguísticos ideologicamente comprometidos (p.196). As confusões decorrentes daí foram o

de quererem transformar o estudioso e teórico russo numa espécie de feiticeiro de conceitos capazes de organizar a separação dos discursos em monológicos e dialógicos. Esse equívoco nos mostra a dificuldade de compreensão do complexo sistema teórico que ele se propôs justamente articulado a partir da observação de diferentes poéticas, da Antiguidade Clássica à Renascença, passando pela Idade Média até o mundo moderno. Essas investigações deram a ele condições privilegiadas de articular todos os seus conhecimentos linguísticos e fenomenológicos na ambição de traçar um grande círculo de compreensão da dinâmica das vozes humanas por meio da literatura. A dinâmica das vozes humanas é a própria humanidade, mostrada no cerne de suas contradições, plasma que alimenta nossa alma. Nenhum movimento totalitário foi capaz de manipular inteiramente isso, e Bakhtin pagou caro por querer discutir seus conceitos no patamar em que ele os colocou. Mas a independência de seu pensamento deve servir de testemunho para as gerações futuras que não pretendem que as suas propostas e abstrações fiquem relegadas a meros dogmas ou feitiços ideológicos. Um importante poeta russo disse, antes de ser fuzilado por Stálin, que naquele país se dava uma importância extraordinária à poesia como em nenhum outro lugar, a ponto de prenderem os poetas por causa de um verso. Não é muito difícil de entender isso, já que todo sistema totalitário para se manter se sente obrigado a imaginar que pode controlar a linguagem. Bakhtin, numa certa altura, também deve ter tido a mesma consciência, mas nem o poeta nem ele foram totalmente calados. No entanto, corremos sempre o risco demagógico de imaginarmos que uma ou outra obra possa se prestar a propósitos ideológicos ou revolucionários pré-determinados. A ânsia de superação totalitária não foi inteiramente superada, isso é evidente, mas num país como o Brasil esquece-se de algumas questões básicas antes de se encaixar um autor tão complexo em propostas simplistas ou reducionistas e que se prestem para qualquer tipo de dicotimização apressada.

O processo de construção discursiva depende, portanto, de vários valores em combustão, em contínua metamorfose dos objetivos iniciais. As discussões em torno da obra bakhtiniana leva em conta os aspectos de que nenhuma voz nasce isolada em si própria, mas se alimenta de uma matéria prima que é a própria voz. A bivocalidade é a matéria do discurso, sendo assim, nada pode ser produzido sem a fricção de uma vontade na outra, o que talvez explique o porquê de sermos animais sociais, gregários e

paradoxalmente, ao mesmo tempo, propensos a toda belicosidade possível. Autores como Dostoievski não escondem de que matéria o homem é feito. Nossa alteridade é absoluta na nossa relação de entendimento do que somos. Toda discursividade humana é simplesmente humana porque sofre de alteridade. A alteridade é a projeção do que somos sem dever nada a um único modelo, mas o que permite, em qualquer estágio que estejamos, a percepção da dinâmica promovida pela nossa consciência sempre em formação.

No poema de Manuel Bandeira, “Momento num café”, organizam-se vozes que vão muito além do momento banal presenciado pelo olhar do leitor:

Quando o enterro passou
 Os homens que se achavam no café
 Tiravam o chapéu maquinalmente
 Saudavam o morto distraídos
 Estavam todos voltados para a vida
 Absortos na vida.

Um, no entanto, se descobriu num gesto largo e demorado
 Olhando o esquife longamente
 Este sabia que a vida é uma agitação feroz e sem finalidade
 Que a vida é traição
 E saudava a matéria que passava
 Liberta para sempre da alma extinta.

Notemos principalmente a estratégia do poeta para chegar ao sentido de inversão final. O poema tem um andamento discursivo bastante acentuado, com marcações que o livram de se tornar um mero relato. A voz única, que deveria caracterizar o Eu no poema, é uma voz solidária que disfarça desde o início a sua presença. Desta maneira, ele consegue o adiamento de sua enunciação até o final do texto. A relação entre homens e féretro articula o eixo capaz de produzir a expectativa em meio ao acontecimento banal. Nessa relação, ambos estão ausentes, porque se fazem representar pela voz do narrador. A presença de um expectador mais atento introduz uma tensão entre os elementos vida e morte já enunciados anteriormente. A vida não passa de uma contemplação do espetáculo de si mesmo, e a lição é justamente aquela que permite perceber a ausência de sentido fora do que se tem. Saudar a “matéria liberta da alma extinta” na verdade é uma maneira de reafirmar a continuação da situação banal. Isso só é possível pela maestria do poeta que interliga todos os interesses em

um só: o do féretro que passa, dos homens do bar, do narrador e a voz que ele elege para mostrar o quanto de humanidade aquela cena suscita.

Enfim, entrar em contato com a obra de Bakhtin é um desafio constante e, evidentemente, não se deve limitar aos estudiosos da literatura. Mas entendê-la fora do âmbito da literatura ou valorizar tão somente, como fazem os analistas do discurso, uma obra apócrifa como *Marxismo e filosofia da linguagem* é um desperdício, onde talvez somente em alguns capítulos nos lembrem a força de sua proposta original. Nesse caso, conceitos como dialogismo, ideologia ou discursivismo no âmbito bakhtiniano traduzem uma desafio bem maior na hora de lidar com o fenômeno da linguagem e ela atinge níveis de provocação exatamente no âmbito da literatura. Se isso não fosse o suficiente, basta lembrar que no mundo dos signos não vale o *a priori*, mas a maneira como ele se dispõe, ou na verdade que se enuncia antes de se tornar signo propriamente. A grande literatura é um modelo que se enuncia, sempre, aponta transições. Liberta e aprisiona. O homem, eternamente em construção, beneficia-se do que ele ainda não conhece, mas que já está nele. Estimular a leitura dos clássicos, deixar que isso entranhe a sua alma lentamente parece ser um antídoto contra qualquer forma de controle de nossa consciência seja de onde vier, seja de um partido ou de uma religião, ou qualquer dogma acadêmico que se apresenta como uma fórmula salvadora para o aplacamento das angústias da produção escrita. A produção acadêmica deveria ser encarada como uma preparação para um mergulho sempre profundo na nossa herança humanística e prazos a serem cumpridos deveriam ser repensados em nome de uma formação mais ampla.

BIBLIOGRAFIA:

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoievski**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense, 1981. 239 p.

_____. **L'oeuvre de François Rabelais et la culture populaire au moyen age et sous la renaissance**. Trad. Andrée Robel. Paris: Gallimard, 1990. 473 p.

_____. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Hucitec/ Unesp, 1988. 439 p.

BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Orgs.). **Dialogismo, polifonia e intertextualidade**: em torno de Bakhtin. São Paulo: Edusp, 1994. 83 p.

EAGLETON, Terry. **Ideologia**: uma introdução. Trad. Luís Carlos Borges e Silvana Vieira. São Paulo: Unesp/Boitempo, 1997.

TEZZA, Cristovão. **Entre prosa e poesia**: Bakhtin e o formalismo russo. Rio de Janeiro: Rocco, 2003. 319 p.